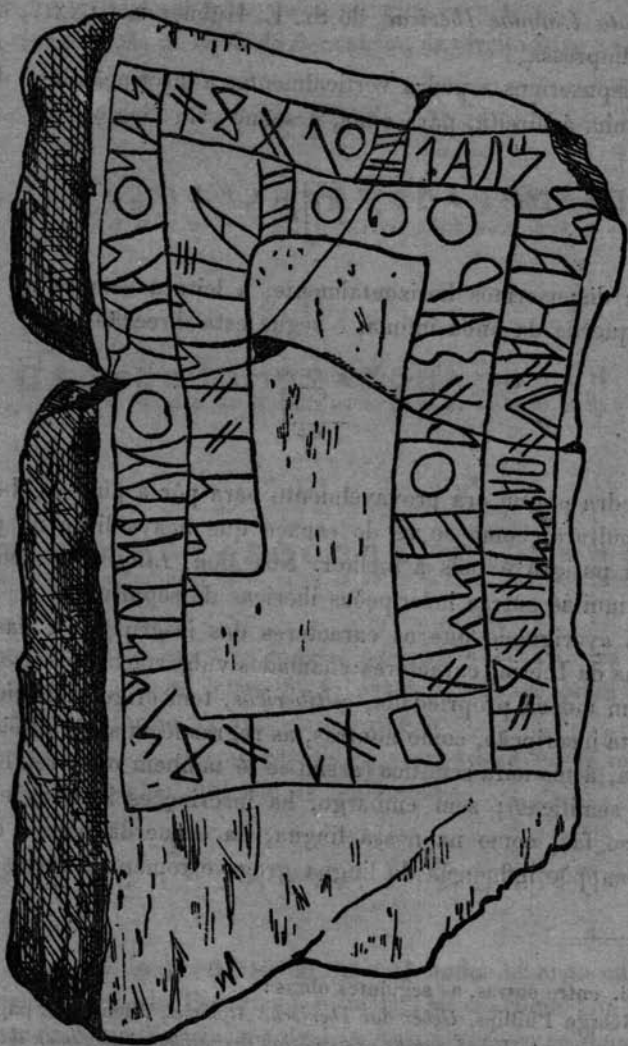


Nova inscripção iberica do Sul de Portugal

O Sr. Dr. Antonio dos Santos Rocha enviou-me ha tempos cópia de uma inscripção iberica por elle encontrada na necrópole da Fonte-



Velha, em Bensafrim, no Algarve¹, onde Estacio da Veiga encontrou outras, e d'onde eu proprio obtive duas.

¹ Vid. *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, iv, 129 sqq.

A inscripção do Sr. Santos Rocha (vid. a figura junta), hoje guardada no Museu Municipal da Figueira da Foz, de que constitue a joia mais preciosa, está gravada numa tosca estela de grés vermelho, de 1^m,34 de comprido, de 0^m,65 de largura maxima, e de 0^m,15 de espessura: é analoga a uma das que possuo, como póde ver-se nos *Monumenta Linguae Ibericae*, do Sr. E. Hübner, n.º LXXIV, onde ella se acha impressa.

Se dispusermos a pedra verticalmente, a inscripção lê-se do fim da última linha á direita, para cima, e segue esta direcção:



Se a dispusermos horizontalmente, a leitura começa na extremidade esquerda da linha infima, e segue esta direcção:



A pedra porém era provavelmente para pôr a pino á cabeceira de uma sepultura, como se vê do espaço que ficava livre na pedra: a primeira posição é pois a melhor. Nos *Mon. Ling. Iber.* encontrará o leitor muitas outras inscripções ibericas de sepulturas.

Está averiguado que os caracteres das inscripções e das moedas indigenas da Iberia, caracteres chamados vulgarmente *ibericos*, e tambem, com menos propriedade, *celtibericos*, tem origem phenicia¹: por isso nesta inscripção, como noutras, as regras lêem-se da direita para a esquerda, á maneira semitica (assim se lê tambem o hebreu e o arabe, linguas semiticas); sem embargo, ha inscripções ibericas em que a leitura se faz, como na nossa lingua, da esquerda para a direita, o que presuppõe influencia da lingua grega e romana². Como a Penin-

¹ Vid., entre outras, as seguintes obras:

H. George Phillips, *Ueber das Iberische Alphabet*, Wien 1870, pag. 47 sqq.;

F. Lenormant, *Essai sur la propagation de l'alphabet phénicien dans l'ancien monde*, t. 1, 1875, pag. 151 (o A. promettia tratar o assumpto desenvolvidamente no cap. 1.º do liv. v da sua obra, mas, como falleceu, creio que essa parte não chegou a publicar-se);

E. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, Berolini 1893, pag. xxxi.

² Cfr. Phillips, *Ueber das Iberische Alphabet*, pag. 48; e Hübner, *Mon. ling. Iber.*, xxxi.

Como no citado livro do Sr. Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, livro de riquissima erudição, e que revela em seu auctor o mais penetrante e observador espirito, se acham colleccionados e interpretados os diversos alphabets ibericos, não é difficil determinar o valor dos caracteres da inscripção de Bensafrim, com excepção dos tres ultimos apontados, isto é, de **H**, **V** e **Π**, que representarei provisoriamente por *h'*, *v'* e *o'*.

Tomando pois para base os alphabets colleccionados nos *Mon. Ling. Iber.*, leio a inscripção de Bensafrim d'este modo (com as linhas da esquerda para a direita, como em portuguez):

I

i e q e o' e n i i r a o' e t' e a h a i u i c(g) a l h' o l e q e
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

II

n a n o n a h o c(g)¹ a r i s i i n q e l e o'
 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51

III

e i i h' o a e s a r o o o h' a e i i e e n i i
 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74

Dois factos impressionarão immediatamente o leitor: o ser um som representado ás vezes por mais de um signal; e a abundancia de vogaes. Factos analogos se tem notado noutras inscripções ibericas.

Segue-se agora grande difficuldade: separar naquellas tres series de linhas as letras cujos grupos formem palavras. Este trabalho é porém ajudado pelas divisões que o canteiro fez na pedra, e que me levaram desde logo a repartir a inscripção em tres linhas.

Na impossibilidade, em que estou, de chegar a resultado completo e satisfactorio, limitar-me-hei a algumas poucas observações, deixando os problemas maiores á sagacidade e sciencia do Sr. Hübner, a cuja critica auctorizada submetto tambem o que vou dizer.

¹ O signal **Π** tem um traço ao lado, que supponho ser fenda da pedra.

As primeiras quatro letras da primeira linha parece formarem uma palavra, *ieqe*: cfr. o iberico *iece*¹. No fim da linha temos *-ege*, mas é possível que estas syllabas pertençam ao *l*, do que resulta *lege*: cfr. LAQUINIENSIS ou LAQUINIESIS, que apparece numa inscripção de Vizella² (*Laqu-in-iensis*). Comtudo, a syllaba *-ol* apparece como terminação noutro de Bensafrim³, e, se aqui o fosse tambem, teriamos em *eqe* uma palavra comparavel á primeira da inscripção.

O grupo *o'enii* da 1.^a linha é comparavel ao grupo *eenii* que termina a inscripção, ou estes grupos sejam palavras, ou meros suffixos.

Com o grupo *rao'et'e* ou *rao'et'ehai* da 1.^a linha cfr. *RETIANORUM (*Ret-i-an-), nome geographico⁴. O suffixo *-aius* é vulgar na Peninsula⁵.

No principio da 2.^a linha temos *nanonaho* ou *nano naho*: cfr. os nomes de molher *Nanna* e *Nahantem* nos *Mon. Ling. Iber.*, pag. 259 e 263 (e *Noniconius* a pag. 263?). Em *nano* haverá reduplicação syllabica? Note-se tambem *ninena* numa inscripção de Bensafrim⁶.

O grupo seguinte, *carishi*, ou *carishi*, é comparavel aos nomes de homens da Hispania *Caricus*, *Cario*, *Carianus*, *Caraius* e *Καριώνος*, que vem nos *Mon. Ling. Iber.*, pag. 257, e em que parece haver o mesmo radical; cfr. tambem o nome *Carisius*, muito vulgar no onomastico romano.

A terminação em *-i* ou *-ii* é frequente nos outros monumentos linguisticos que o Sr. Hübner estudou.

Em virtude das observações que acabo de fazer, poderiamos considerar provisoriamente o nosso texto subdividido pelo menos nas seguintes partes:

1. *ieqe o'enii rao'et'e + ahai uicalh'o lege* (ou *uicalh'ol eqe*)
2. *nano + naho carishi ngeleo'* (ou *carishi ingeleo'*)
3. *eii h'oaesarooooha eii eenii*

Bem vejo quão incertas são as bases em que me fundo; nem eu tambem o que digo o dou como certo: mas a difficuldade de acertar é enorme.

¹ *Mon. Ling. Iber.*, pag. 218.

² *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2405.

³ *Mon. Ling. Iber.*, n.º LXXIV.

⁴ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5749.

⁵ Vid. F. Adolpho Coelho, *Vestigios das antigas linguas da peninsula Iberica*, pag. 18; e E. Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, pag. cxxi.

⁶ *Mon. Ling. Iber.*, n.º LXXII.

Torna-se notável que, entrando esta inscrição na classe das funerárias, e sendo por isso analoga a outras algarvias, sobretudo á já referida de Bensafrim, que hoje me pertence, não contenha algumas fórmulas em commum com ellas.

Apesar do que ha de enigmatico no texto que, em virtude da dedicação archeologica do Sr. Dr. Santos Rocha, e da sua bondade para comigo, me foi dado apresentar aos leitores, ahi fica mais um documento novo, e muito valioso, para o conhecimento da nossa ethnologia, porque pelo menos nos revela a importancia, successivamente mais explicita, do elemento phenicio nos costumes dos antigos habitantes do Algarve. Se se pudesse apurar uma duzia de textos do Sul de Portugal, tão perfeitos como este, talvez fosse possivel projectar luz mais viva em tão espessas sombras: até lá ... esperemos!

J. L. DE V.

Publicações archeologicas recentes

INSCRIPÇÕES PORTUGUESAS, por Luciano Cordeiro: 1.º fasciculo, Lisboa 1895, 50 pags., in-8.º gr.; 2.º fasciculo, Lisboa 1896, 38 pags., in-8.º São inscrições de origem portuguesa.

INSCRIPTIONES HISPANIAE LATINAE edidit Aemilius Hübner. Berolini 1897. Extrahidas das *Ephemeris epigraphica*, vol. VIII, fasc. III, de pags. 351 a 515. Novo supplemento ao *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II. — Contém as inscrições romanas de Portugal publicadas até á data do apparecimento do trabalho.

A SOCIEDADE ARCHEOLOGICA LUSITANA (as antiguidades extrahidas das ruinas de Troia, e onde é que se acham depositadas), por J. C. de Almeida Carvalho, Lisboa 1896, 55 pags., in-8.º, com duas estampas. Extracto do *Boletim da Associação dos Archeologos Portugueses*, 3.ª serie, tomo VII, n.ºs 5, 6 e 7.

NOVAS INSCRIPÇÕES ROMANAS DE BRAGA (ineditas), por Albano Bellino. Braga 1896, 55 pags., in-8.º gr., com duas estampas. Edição de duzentos exemplares.

PALAVRAS proferidas pelo bispo de Coimbra na inauguração do Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra no dia 26 de Abril de 1896. Coimbra 1896, 14 pags., in-8.º gr.